

ENSINO DE GEOGRAFIA E CINEMA: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA DA REDE ESTADUAL DE DOURADOS (MS)

Guilherme Bochnia Moura
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).
E-mail: guibocmoura@gmail.com
Flaviana Gasparotti Nunes
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
E-mail: flaviananunes@ufgd.edu.br

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo geral identificar e analisar as concepções e práticas dos professores de Geografia atuantes na rede Estadual de ensino de Dourados (MS), com o intuito de reconhecer a utilização do cinema pelos professores no âmbito educacional, e para aprofundar a fundamentação da Lei 13.006/2014, que visa a obrigatoriedade em reproduzir filmes por duas horas mensais nas escolas brasileiras. Para atingir esse objetivo, realizou-se os seguintes procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica sobre o tema; identificação e mapeamento das escolas estaduais de Dourados (MS) que ofertam Ensino Fundamental II e Ensino Médio; levantamento do número de professores de Geografia atuantes nas escolas estaduais de Dourados identificadas; aplicação de questionário junto aos professores de Geografia atuantes nas escolas estaduais de Dourados (MS); tabulação e análise dos dados obtidos nos questionários. Os resultados contextualizam o entendimento dos professores em relação ao cinema na escola, como método pedagógico, também os dados apontam a forma acessível em estar introduzindo os filmes na esfera escolar, claramente os dados da pesquisa vão nortear a compreensão da potencialidade fílmica na didática escolar. Após a tabulação dos dados apresenta-se questões cotidianas enfrentadas pelos professores no ambiente escolar que enfatizam a dificuldade em trabalhar a linguagem cinematográfica, ou falta de conhecimento para aprofundar a ferramenta audiovisual como principal acesso ao conhecimento. No que se refere ao cinema nacional, verificamos que os filmes assistidos ou utilizados em sala de aula pelos professores limitam-se a títulos populares. Aqui entendemos claramente que, a implantação da Lei 13.006/2014 caracteriza-se além do incentivo de revisão das premissas conceituais pedagógicas, pautadas no cinema e educação. Compreende-se a utilização da linguagem cinematográfica como importante ferramenta de ensino para desenvolver os métodos educacionais contemporâneos. Por fim a pesquisa esclarece dúvidas e aponta as relações dos professores em utilizar o cinema como ferramenta secundária na educação.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Linguagem cinematográfica; professores.

INTRODUÇÃO

A Lei 13.006/2014 estabelece a proposta de exibição fílmica por duas horas mensais, abrangendo filmes de caráter nacional, engendrando sua obrigatoriedade como componente do referencial curricular complementar. Este trabalho aborda reflexões acerca do cinema e educação, sobretudo voltadas ao ensino de Geografia, buscando apontar as potencialidades do cinema na educação geográfica.

O objetivo deste trabalho articula-se à pesquisa comum da Rede de Pesquisa “Imagens, Geografias e Educação”, atualmente coordenada pela Prof.^a. Dr.^a. Flaviana Gasparotti Nunes¹. Para contribuir com a referida pesquisa, este trabalho tem como objetivo geral identificar e analisar as concepções e práticas dos professores de Geografia atuantes em escolas estaduais de Dourados (MS) sobre o trabalho com filmes no contexto da sala de aula. A pesquisa em questão tem um caráter quantitativo e qualitativo, baseada na revisão bibliográfica acerca da Lei 13.006/2014 e seus desafios e potencialidade, além da reflexão sobre cinema e educação, ressalta-se a importância do cinema como linguagem fundamental para o desenvolvimento intelectual dos alunos nas escolas.

Para compreender melhor essas questões, foi aplicado um questionário-base junto aos professores ministrantes da disciplina de Geografia nas escolas estaduais de Dourados (MS). A pesquisa abrangeu dezessete professores do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental e do primeiro ao terceiro ano do Ensino Médio. Os questionários compostos por dezesseis perguntas entre abertas e fechadas, visando analisar os modos e maneira que os materiais audiovisuais adentram as escolas e como os professores a utilizam, e caso a escola possui suporte físico e técnico para reproduzir obras fílmicas com qualidade. Em diálogo com os referenciais teóricos, aponta-se problematizações de cunho importante para apresentar o cinema nacional em um formato didático, estimulador da criticidade, revisando a prática didática tradicionalista em reproduzir filmes na esfera escolar.

COMPREENSÕES SOBRE CINEMA, EDUCAÇÃO E ENSINO DE GEOGRAFIA

No livro *Cinema & Educação*, Duarte (2009) afirma que as distintas metodologias para o ensino fundamenta o desenvolvimento da aprendizagem, e sendo que aplicar técnicas e métodos educacionais favorece a obtenção de resultados significativos no desenvolver da educação. Observa-se que atividades lúdicas no ambiente escolar, como brincadeiras, atividades artísticas e reproduções fílmicas desenvolvem significativamente o intelecto do indivíduo para consolidar o pensamento crítico.

Dentre as formas de arte acessíveis à população, destaca-se o cinema. Pesquisas relatam que pessoas de todas as classes sociais possuem acesso aos filmes. A linguagem cinematográfica abrange o entendimento de todos, ou seja, uma pessoa pouco escolarizada compreende a sensação intuitiva que o filme transmite.

Neste contexto, voltando-nos ao caso da Geografia, a reprodução de filmes na esfera escolar não deve se caracterizar somente como ferramenta que conversa na íntegra com o conteúdo das aulas de Geografia, mas sim explorar o que há de geográfico nos filmes, ou até mesmo exemplificar com mais clareza e objetividade os conteúdos, pois o cinema desperta o debate mais acessível que um texto maçante na medida em que o audiovisual agrada o espectador, prende sua atenção de forma lúdica.

O cinema utiliza várias técnicas para a realização das cenas; exemplos são os movimentos e posicionamentos em que as câmeras são conduzidas, modos de como a

¹ A rede de pesquisa está articulada em diversos polos do território brasileiro e latino-americano, compostos por professores e pesquisadores de diversas áreas do ensino superior; tal articulação procura difundir e aprofundar estudos e pesquisas que relacionam a linguagem geográfica com abordagens científicas, filosóficas e artísticas, com ênfase na questão da multiplicidade de formas de criação, expressão e socialização em âmbito escolar.

luz é refletida, criação de ambientes com baixa luminosidade ou extremamente luminosos e coloridos. Cenas de filmes históricos despertam o imaginário mais detalhado sobre os fatos ocorridos, interagindo também com diversos tipos de culturas. Os filmes aproximam várias realidades desconhecidas. Estes são os enfoques principais que o cinema tem auxiliado nas aulas de Geografia colaborando para enriquecer o campo da educação. Essa prática pedagógica demonstra um mundo de possibilidades que pode ser explorado como vertente educativa.

Apesar de todos os benefícios que o cinema pode trazer para educação, o meio cinematográfico ainda é visto como uma simples atividade complementar, tratado como uma ferramenta secundária no ambiente de ensino, na medida em que vigora a compreensão de que leituras e interpretações de textos verbais escritos agregam uma importância superior nas atividades elaboradas pelos professores. Muitos profissionais da educação utilizam filmes para distração dentro da escola, distorcendo a importância pedagógica que os filmes podem exercer; ver filmes é uma prática social tão importante e educacional quanto a leitura de obras literárias, filosóficas e sociológicas e entre outras formas de aprender. Apresentar a diversidade fílmica na esfera educacional permite disponibilizar o conhecimento do dinamismo audiovisual no ensino.

Os filmes agregam significados culturais, sendo assim, as produções cinematográficas não são autônomas, elas necessitam do irreal, valores, crenças e atividades sociais diferenciadas culturalmente. A obra pode ganhar vida e identidade própria, respeitando uma história que pode ser real ou simplesmente fictícia.

Por todos estes, motivos tornar-se válido a agregação nos referenciais curriculares a reprodução de filmes no âmbito escolar para o aprimoramento do ensino na educação fundamental e média.

Contextualizar a utilização dos filmes no âmbito escolar é algo que levanta muitas questões. Até onde obras cinematográficas provocam o aprendizado? Qual é a forma mais plausível de trabalhar com filmes sem fugir do enfoque principal da educação? Vários motivos fazem com que muitos educadores observem a utilização do cinema na educação como algo desnecessário, gerando até mesmo certas resistências ao uso dos filmes. Um dos motivos é a pouca habilidade do aluno em retirar a essência dos filmes para o aprendizado. O não uso desta ferramenta pelo professor, acaba desestimulando o educando na apreciação de filmes com um olhar crítico e pedagógico. Os métodos pedagógicos devem ser revisados, partindo para um campo mais contemporâneo, abrangendo o cinema como material didático, fortalecido pelos professores a partir das séries iniciais.

No artigo “O que seriam as geografias de cinema? ”, Oliveira Junior (2005) aponta que as geografias de cinema tendem a pesquisar as imagens, sons e espaços, deixando de lado as interpretações habituais geográficas dos filmes possibilitando outras visões. Segundo Oliveira Junior (2005, p. 27-33):

(...) o que quero dizer com isso é que a intenção de produzir geografias de cinema é a de pensar e inventar outras interpretações para o mundo, a de permitir olhares diferenciados e diversificados às coisas do mundo (não só do filme, mas da realidade nele aludida ou encontrada) [...]

Filmes com conteúdo geográficos tradicionalmente são exibidos para agregar conhecimentos subjetivos, porém o autor ressalta que a geografia de cinema primeiramente deve despertar a inquietude no raciocínio do espectador, com o intuito de fazer com que os espectadores sejam sensibilizados pelo cinema. Segundo Oliveira Junior (2005, p. 27-33) “a geografia de um filme seria aquilo que suporta, sustenta,

permite e dá sentido às ações e movimentações dos personagens”. Consequentemente, os personagens de um filme podem interagir de uma forma no espaço gerando geografias. De acordo com Oliveira Junior (2005, p. 27-33)

A ciência geográfica, preocupada com extensões espaciais maiores que as habituais do cinema, tem sido levada a tomar estas extensões – cidades, campos de cultivo, montanhas, áreas industriais, áreas de risco, países, etc. – como “entidades” de existência inteira e independente do que há em seus interiores, em seus detalhes e sentidos. A escala do pensamento geográfico tem sido aquela apontada pelo conceito de região (mais recentemente o de rede veio tomar seu lugar). Um conceito que implica em inevitáveis generalizações e aglutinamentos, redutores também inevitáveis da diversidade, das tensões, das fissuras existentes em qualquer lugar em seu interior, tanto das regiões quanto das redes.

O estudo da Geografia reinventa-se a cada percepção de mundo. A necessidade de novos campos de pesquisa é nítida, pois os filmes são acessíveis possibilitando a leitura facilitada das problematizações. O campo cinematográfico insere as pessoas nos lugares e espaços. A fusão do cinema permite ter excelente função educadora; podemos utilizar filmes para aprofundar e levar a diversidade de espaços até o espectador.

O cinema contemporaneamente encontra-se acessível. Cinema este que possibilita a diminuição dos custos das suas produções, já que as novas tecnologias em filmagens permitiram o acesso fácil, eis que surge o chamado “cinema de garagem”. Segundo Oliveira Junior (2010, p. 70): “Mais que mudanças nas formas de produção, trata-se de um resgate do coletivo como modo de vida”. Podemos apontar que a acessibilidade a criação do cinema pode ser difundida como material pedagógico. Oliveira Junior (2010, p. 72) ressalta que:

(...) Esse cinema expandido faz-se como um campo de experimentações que dobra sobre as imagens e sons filmicos as experiências e lugares que vão de encontro com o cinema, forçando esse último a inventar maneiras - a inventar linguagens – para escolher aquilo que se expressa nesses encontros e que “ainda não cabe” na linguagem do cinema que já existe.

Todas essas mudanças no cinema auxiliam no aprendizado da Geografia e outras disciplinas dentro da escola, são instigantes e proporcionam uma visão metodológica inovadora. Oliveira Junior (2010, p. 73) afirma que através das práticas experimentadas por esse cinema contemporâneo expandido temos mais possibilidades para o aparecimento de “cineastas escolares” e de “cinemas de escolas”, filmes produzidos em escolas, pelas e com as escolas.

Aponta-se variadas experimentações nas escolas para que o cinema possa ser compreendido e validado como ferramenta de ensino, sabe-se que o mundo convive com instabilidades pedagógicas no ensino. Portanto, o cinema desperta uma compreensão dos conteúdos escolares de forma expressiva.

Fresquet e Migliorin (2015) levantam questões e reflexões em torno da Lei 13.006/2014 que visa a inserção no componente curricular complementar, a exibição de filmes condizentes com as práticas pedagógicas, sendo que as obras cinematográficas devem possuir originalidade nacional. Os autores realizam questionamentos em torno da Lei, como seria imposta e executada no âmbito escolar e qual a finalidade da proposta em constituir uma nova ferramenta de aprendizado e acesso à cultura no formato audiovisual.

Justificativas plausíveis para fundamentar a Lei 13.006/2014 expõem a importância do cinema na escola como ferramenta que aborda realidades que estão distantes e fatos que estão associados a realidade dos espectadores. Segundo Fresquet e Migliorin (2015, p. 8), “[...] ou seja, se desejamos o cinema na escola é porque imaginamos que a escola é um espaço, um dispositivo, em que é possível inventar formas de ver e estar no mundo que podem perturbar uma ordem dada, do que está instituído, dos lugares de poder”. Nesse sentido, abrir as portas para o cinema na escola permite-se despertar o senso crítico em várias áreas do conhecimento; talvez filmes baseados no senso comum enriquecem o pensamento sociocultural, condizendo com uma prática de interpretar o mundo de forma distinta, pois o cinema admite realizar variadas leituras de realidades.

A capacitação do encontro cinema e educação apostam na escola e podem causar embates no sistema hegemônico pedagógico, desedificando práticas que enfatizam a apresentação de filmes como lazer e somente recurso didático, desprovendo os filmes a algo que não estabelece um pensamento crítico. Outra preocupação caracteriza a comercialização dos filmes que recebem incentivo financeiro do Estado para sua criação. Filmes que chegam até as escolas impulsionariam o consumo, ou seja, uma política justa na entrada das produções cinematográficas nas escolas é de suma importância para que não ocorra um investimento sem caráter construtivo social.

Inserir a cinematografia na esfera educacional não é simples, existe um mercado midiático hegemônico, pautado no consumo de filmes com caráter de grande circulação mundial, arquitetados com efeitos audiovisuais que deixam os espectadores deslumbrados. Além disso, filmes que não se encaixam como material pedagógico para a escola devem ser distanciando do espaço escolar, para não aglomerar materiais midiáticos que somente frisam a alienação e que resultam em prender a atenção sem apresentar finalidades educativas e sim recreativas.

Parte das finalidades da Lei 13.006/2014 propõe que os filmes reproduzidos nas escolas devem cultivar a linha das mostras nacionais para originar incentivo ao próprio cinema nacional, mas também aproximar realidades regionais brasileiras, apresentando a noção das outras culturas regionais que o Brasil permite exibir para o espectador. A escola enquanto ambiente de ensino e promotora do senso crítico deve arriscar em apresentar o melhor do cinema nacional, expondo títulos de filmes no cotidiano dos educandos e educadores. Para Fresquet e Migliorin (2015, p. 11): “[...] Levar filmes brasileiros as escolas pode criar ainda a curiosidade de conhecer seus autores, diretores, roteiristas, personagens, isto é, pode borrar os muros para o encontro com artista e produtores, convidá-los a dialogar com eles sobre escola e universo do cinema”.

Para a Lei obter resultados significativos, as escolas precisam possuir um espaço com condições adequadas para utilização desta ferramenta de aprendizado, ou seja, um ambiente propício para o bom entendimento dos sons e imagens a serem reproduzidos, além disso, entrando em questão a parte da manutenção dos aparelhos audiovisuais, que são necessários para o desempenho da qualidade dos filmes. Estes investimentos de estruturação devem ser realizados por parte do Estado.

Uma construção para utilizar o cinema na escola deverá ser realizada, investindo-se em formações para os professores, tarefa que nos remete pesquisar e investigar, como difundir o aprendizado dos professores em relação as obras fílmicas, porque o profissional da educação deve estar apto para trabalhar filmes no intuito de fortalecer a educação do olhar. Formas de repensar o cinema incluirão o processo do aprendizado, não somente devemos reproduzir filmes que remetem o conteúdo afimco, mas sim permitir explorar a correlação dos filmes com o conteúdo, portanto buscar estas

formas de reproduções cinematográficas admitiremos uma nova construção metodológica do aprendizado nas escolas.

O QUESTIONÁRIO APLICADO: O QUE APONTAM OS DADOS?

A partir das reflexões sobre cinema e educação pautadas na revisão bibliográfica, foi realizado o levantamento do número de professores de Geografia atuantes nas escolas estaduais de Dourados (MS) e a aplicação do questionário junto a esses professores.

Os questionários entregues e apresentados aos professores totalizaram-se em vinte e sete questionários distribuídos em dezessete escolas estaduais da cidade de Dourados (MS). Dezessete questionários foram respondidos efetivamente, pois alguns professores recusaram-se em responder no período em que a pesquisa foi apresentada à escola, devido ao pouco tempo disponível para elaborar algumas questões abertas. Então propôs-se que os professores levassem consigo o questionário para responder fora da escola, e que retornariam com os questionários respondidos.

Com base nas respostas dos questionários, a Tabela¹ retrata o perfil sócio educacional, condições acadêmicas dos professores, idade, anos de docência, grau de ensino que trabalha, e o gênero do entrevistado. A um equilíbrio na questão do gênero dos professores. Outro apontamento é a faixa etária dos professores entrevistados, existe equilíbrio de professores na faixa etária entre 50 a 35 anos, e apenas um profissional da educação do sexo feminino está na faixa dos 20 a 30 anos. Os números referentes aos anos de docência dos professores entrevistados apresentam variações significativas, onde há cinco professores com menos de 05 anos de docência, já dois professores aproximam-se dos 10 anos de docência e ainda dois professores apenas estão perto dos 15 anos de docência, porém 5 professores estão na faixa dos 25 anos de docência e um aproxima-se dos 30 anos de docência, sendo que um professor já se encontra a 30 anos em sala de aula. Observemos as informações da tabela¹:

Gênero/sexo	Idade	Anos de docência	Grau de ensino em que trabalha atualmente	Possui alguma pós-graduação
Masculino	35	07	Sexto ao nono e Ensino Médio	Sim
Feminino	28	3	Sexto ao nono e Ensino Médio	Incompleta
Masculino	36	05	Sexto ao nono e Ensino Médio	Sim
Feminino	48	16	Sexto ao nono e Ensino Médio	Sim
Masculino	55	20	Sexto ao nono e Ensino Médio	Sim
Masculino	34	3	Sexto ao nono e Ensino Médio	Incompleta
Feminino	52	26	Sexto ao nono e Ensino Médio	Não

Masculino	33	08	Sexto ao nono e Ensino Médio	Sim
Masculino	50	30	Sexto ao nono e Ensino Médio	Sim
Feminino	46	17	Sexto ao nono e Ensino Médio	Sim
Feminino	57	22	Sexto ao nono e Ensino Médio	Sim
Feminino	30	4	Sexto ao nono e Ensino Médio	Não
Masculino	55	14	Ensino Médio	Sim
Feminino	43	22	Sexto ao nono ano	Sim
Masculino	50	12	Sexto ao nono ano	Sim
Feminino	34	7	Sexto ao nono ano	Incompleta
Feminino	25	2	Sexto ao nono ano	Sim

Tabela 1 – Formação acadêmica, experiência profissional e atuação dos professores

Fonte: Questionário aplicado junto os professores de Geografia das Escolas Estaduais de Dourados (MS)
Org.: MOURA, Guilherme B., 2017.

Dos dezessete professores que responderam ao questionário, apenas dois afirmam que leram ou fizeram alguma formação relacionada sobre cinema e educação. Nota-se que há carência das formações pedagógicas nas escolas sobre educação e cinema, causa que pode corroborar para o distanciamento dessa prática pedagógica. A linguagem cinematográfica está inserida no ambiente escolar, mas pouco explora suas potencialidades. Assim, acreditamos que as coordenações pedagógicas precisam ter de consentir a importância da linguagem audiovisual, e estarem atentos as potencialidades fílmicas.

Certamente, formações e debates sobre o cinema na escola devem estar presentes para permitir abrir novas visões e arriscar as novas experiências. O cinema é discutido, trabalhado e apresentado à sociedade de diversas formas. Mostras de cinema, atos culturais permitem aprofundar-se e conhecer obras, filmes, documentários, entre outras manifestações da cultura audiovisual. A escola precisa buscar a lapidação do entendimento do cinema e adequar a interação audiovisual, oportunizando aos professores mostras de cinema, debates para conhecê-los e reproduzi-los, desconstruindo a tradicionalidade do modo de exibição dos filmes, que consistem apenas em exibir um filme por exibir, ou reproduzir para momentos de descontração.

Os dados obtidos nos questionários também demonstram a necessidade de adequação da estrutura da escola para que se possa trabalhar o cinema de maneira efetiva nos processos de ensino e aprendizagem. Os dados do Gráfico¹ demonstram que nas escolas da rede estadual de Dourados (MS), os filmes são reproduzidos predominantemente na sala de aula como relata os dados:

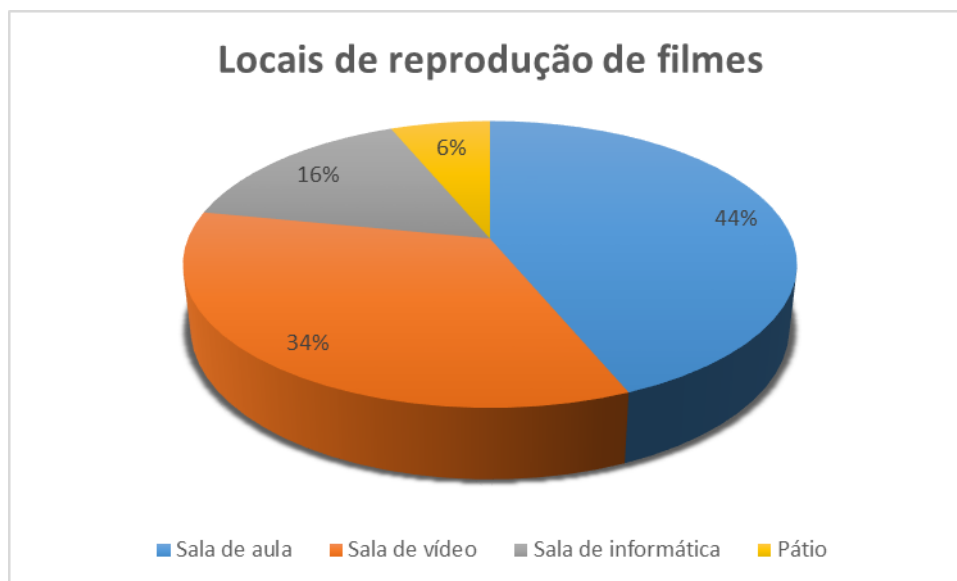


Gráfico 1 – Locais de exibição dos filmes

Fonte: Questionário aplicado junto os professores de Geografia das Escolas Estaduais de Dourados (MS)
Org.: MOURA, Guilherme B., 2017.

Os dados permitem observar a ausência de um espaço adequado para exibição dos filmes nas escolas. O local onde os filmes são trabalhados com constância não compete a uma boa reprodução fílmica, pois na maioria das vezes, as salas de aula apresentam luminosidade imprópria para exibição e com qualidade de som inadequada. Os filmes exibidos em sala de aula são reproduzidos em aparelhos de TV ou Datashow, estes aparelhos oferecem suporte básico para a reprodução dos vídeos, não permitindo uma reprodução de qualidade.

Em segundo lugar, apontou-se que a reprodução fílmica é realizada em salas de vídeo. Neste caso, acredita-se que a exibição dos filmes é realizada em melhores condições, mas deve-se destacar que a qualidade e estruturação das salas de vídeo de muitas escolas apresenta dificuldades de operação por falta de profissionais que disponibilizam a manutenção dos equipamentos. Ainda, 16% dos professores afirmaram reproduzir os filmes nas salas de informática, que geralmente é um local adaptado, assim como as salas de aula; 6% dos professores pesquisados utilizam o pátio como espaço para reproduzir os filmes, lugar inviável para reprodução fílmica. A utilização deste espaço ocorre quando há a necessidade de exibição para um número significativo de alunos. Os dados apontam, portanto, a dificuldade estrutural existente na maioria das escolas para trabalhar filmes com qualidade de som e imagem adequadas.

Entre os motivos em que se leva a passar filmes nas escolas, foi exposta a seguinte alternativa: porque se vincula a algum conteúdo específico de geografia, 18% dos professores marcaram esta alternativa com significativo grau de importância. Observa-se que os filmes só adentram as salas de aula se houver concisão no conteúdo trabalhado caso contrário a realidade cinematográfica acaba-se reproduzindo em outros parâmetros e momentos, mas em contraponto divergem essas concepções na pesquisa vejamos os dados do gráfico que explanam as porcentagens pelos quais motivos leva os professores a passar filmes na escola:

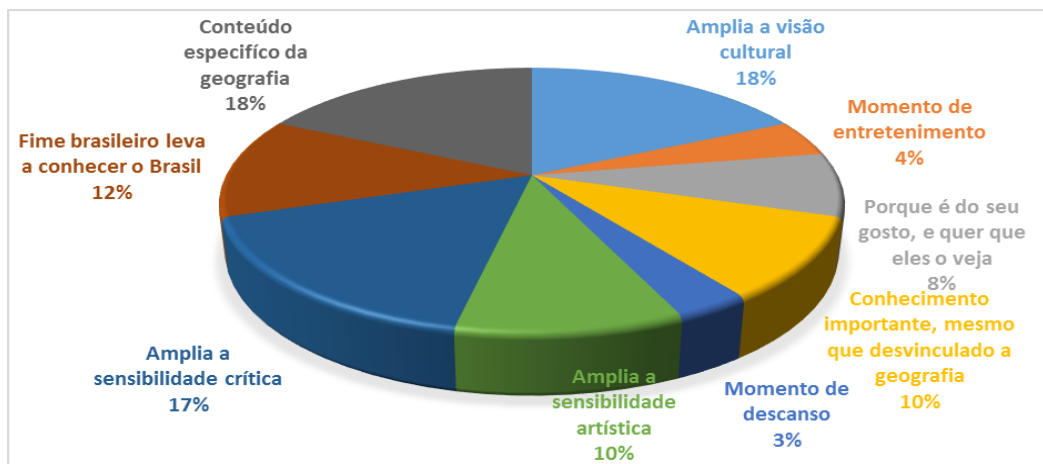


Gráfico 2 – Motivos que levam o professor passar filmes na escola

Fonte: Questionário aplicado junto os professores de Geografia das Escolas Estaduais de Dourados (MS)
Org.: MOURA, Guilherme B., 2017.

Este relato tabulado em gráficos nos faz refletir sobre como consiste o cinema nas aulas de geografia, e encontramos estas específicas realidades em números que não deixam negar a carência dos professores por saber de fato permitir a fluência do papel pedagógico do cinema. Consequentemente outras implicações em trabalhar cinema nas escolas são pautadas na pesquisa, o desequilíbrio estrutural para a reprodução e falta de acervo fílmico nas escolas são alguns pontos que desorientam o trabalho cinematográfico.

A pergunta do questionário referente ao que dificulta usar o cinema na escola, apontou em 95% das respostas a falta de tempo disponível para apresentar um filme por inteiro como a principal dificuldade, pois as aulas da rede estadual de educação têm o tempo de duração de cinquenta minutos aula, tempo insuficiente para reproduzir um filme completamente. Por este motivo, muitos professores aderem à prática de reproduzir partes importantes dos filmes ou optam por reproduzir um documentário que se encaixe no horário estipulado da aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises e reflexões da pesquisa flexionam a diversidade pedagógica que a cinematografia estabelece no universo escolar, as respostas dos questionários aplicados aos professores esclarecem o reconhecimento do cinema como potencialidade de ensino. A sociedade convive cotidianamente com as imagens e o acesso a elas tornou-se acessível com a evolução tecnológica, esta acessibilidade facilita a interação dos professores com os filmes. Um ponto que a pesquisa revelou foi que, grande parte dos professores acessam as obras fílmicas através da internet, deixando de lado as locadoras e diminuindo ou até distinguindo os acervos de filmes nas escolas, sendo que alguns professores desconhecem a existência de filmes na. Portanto os professores reconhecem e utilizam o cinema, e dispõem de um fácil acesso a obras fílmicas, mas acabam reproduzindo filmes somente quando há necessidade de expor um conteúdo específico, por estas razões e outras o debate da Lei 13.006/2014, deve ser reconhecido no âmbito nacional da educação.

No contexto educacional brasileiro a Lei 13.006/2014, tem de adequar um novo formato curricular, abrindo espaço para a cinematografia, conforme as realidades encontradas nas escolas. Com a fusão obrigatória da representação cinematográfica nas escolas, os professores devem receber orientações, cartilhas, listas e formas de planejar uma aula aproveitando o máximo que o cinema pode oferecer, talvez este trabalho de

conscientização abra caminho para os professores deixarem fluir suas habilidades enfatizadas no cinema. Pensar na linguagem audiovisual para educação demanda análises essenciais no âmbito escolar, a falta de espaço adequado é um dos problemas que os professores encontram em trabalhar com os filmes na escola, mas os professores apresentam resistências em utilizar os filmes, talvez não confiam na função educativa do cinema.

Nesse sentido a cinematografia como obrigatoriedade na educação empenhara aos professores a terem uma visão renovada sobre o cinema, apenas exibir filmes que remetem fidelidade ao conteúdo deverão ser repensados pelos professores de geografia. Portanto a pesquisa relata que os professores pesquisados utilizam também os filmes para estimular a criticidade dos alunos, o que torna o uso do cinema altamente positivo, mas como a pesquisa retrata, o imaginativo do aluno sobre um filme é voltado a pensar integralmente sobre o assunto trabalhado em sala de aula.

É de conhecimento geral dos professores obras clássicas do cinema nacional, algo maçante muitas das vezes, como no caso dos filmes Central do Brasil, O Alto da Compadecida, que são obras primas da cinematografia brasileira, com um alto potencial de representatividade cultural e aspectos socioculturais distintos do Brasil, mas trabalhando esses filmes sempre com a mesma finalidade deixa-se desejar as suas potencialidades. O cinema nacional é reconhecido pelos seus clássicos sendo que os filmes internacionais adentram as salas de aula. Os professores conhecem de forma moderada filmes de caráter nacional, no caso os professores mostraram sujeitos a conhecer títulos de documentário com maior intensidade, no caso é insuficiente o repertório de obras fílmicas conhecidas pelos professores, os clássicos estão sempre em evidência na pesquisa e os documentários insistem em ser colocados nas respostas que abordam somente o tema sobre obras cinematográficas. Dessa forma os filmes clássicos brasileiros são utilizados com frequência e percebe-se que os professores utilizam os filmes com um bom intuito no que tange a total coerência com o conteúdo trabalhado no âmbito escolar.

Em virtude dos fatos pesquisados, validar o acesso ao cinema por duas horas mensais é favorecer a educação brasileira novas vertentes e experimentações educacionais, e incitar as produções nacionais como base teórica de ensino fortalecemos os cineastas nacionais a elaborar obras cinematográficas capazes de desenvolver sensibilidades antes nunca exploradas no meio educacional. A viabilização da Lei denota concepções metodológicas nunca antes experimentadas, a construção crítica da educação brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FREITAS, Maria T. de A. O cinema na formação de professores: uma discussão. In: FRESQUET, Adriana (Org.). **Cinema e Educação: a lei 13.006 - Reflexões, perspectivas e propostas**. Belo Horizonte: Universo, 2015, p. 92-98.

FRESQUET, Adriana; MIGLIORIN, Cezar. Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/14. In: FRESQUET, Adriana (Org.). **Cinema e Educação: a lei 13.006 - Reflexões, perspectivas e propostas**. Belo Horizonte: Universo, 2015, p. 04-23.

OLIVEIRA JR., Wenceslao M. Outros espaços no cinema contemporâneo: campo de experimentações escolares? **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 18, n. 1, p. 67-84, maio 2016.

____. O que seriam as geografias de cinema? **Revista TXT – leituras transdisciplinares de telas e textos**. Belo Horizonte: Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão A tela e o Texto da UFMG, n.2, s/p, 2005. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/atelaetexto/revistatxt2/wenceslao.htm> Acessado em 12/05/2014